

20.11.2005

A laqueadura

Atenção para um assunto que interessa a todas as mulheres! Nem todo mundo sabe, mas toda brasileira maior de 25 anos, ou que já tenha tido dois filhos, tem direito, por lei, a fazer uma cirurgia chamada laqueadura.

O doutor Drauzio Varella vai mostrar agora como a distância entre o que diz a lei e a realidade do serviço público pode afetar a vida de milhões de brasileiras.

“Tenho 29 anos e cinco filhos. O primeiro filho eu tive com 17 anos. Decidi fazer laqueadura no terceiro filho”, conta Rosa.

“Você sabe que tem uma lei que diz que toda mulher acima dos 25 anos, dois filhos, tem o direito de fazer laqueadura?”, pergunta o doutor Drauzio.

“Quando minhas vizinhas falaram isso para mim, eu corri para o posto e conversei. Mesmo assim, pela idade, eles falam que eu não tenho idade”, diz Rosa.

Olha o que a lei diz. Artigo 10: somente é permitida a esterilização nas seguintes situações: um, em homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de vinte e cinco anos.

Desde que observado o prazo mínimo de 60 dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico. Quer dizer, 60 dias desde o momento em que você procura o posto de saúde para fazer a laqueadura e o dia da laqueadura ser feita.

“Não sabia dessa lei. As pessoas só falam que é sempre difícil conseguir”, diz Irene.

A gente não tem um controle da quantidade de espera da laqueadura, diz a assistente social Maria Aparecida dos Santos.

As mulheres que desejam fazer laqueadura pelo SUS só encontram dificuldades.

“Muita negligência, a gente corre atrás, não é por falta de correr atrás. Eles falam que não tem vaga, falam que tem que entrar na fila de espera e assim vai”, diz Vanessa.

São obrigadas a ir várias vezes aos postos de saúde, aos hospitais. Fazer exames e assistir palestras sobre planejamento familiar.

“Quando termina a palestra a gente faz um certificado, marca o dia do processo e a gente anexa esse certificado com a entrevista”, explica a assistente social.

Tudo isso pra ter o direito de entrar numa longa fila de espera.

“Eu comecei fazer, tentar laqueadura desde o ano 2000. Desse período em que decidi fazer a laqueadura até agora, tive dois filhos. O menino está com cinco e a menina está com um ano e sete meses”, conta Floraci Maria de Souza.

É uma peregrinação quase sempre inútil. A maior parte delas jamais terá acesso a uma cirurgia.

A laqueadura é uma cirurgia. O médico faz uma abertura no abdômen, entra, pega a trompa, corta de um lado, corta do outro e amarra separado que é para que o óvulo produzido no ovário não consiga

passar para ser fecundado. Faz isso de um lado e faz do outro lado também: pega a trompa, liga e corta no meio. A partir daí está fechada a comunicação do ovário com o útero e não pode acontecer a gravidez.

“Tenho vinte e quatro anos, tenho quatro filhos, já fui tentar fazer o planejamento familiar, pra poder fazer a laqueadura, só que eles falaram que eu era muito nova e podia me arrepender, porque eu só tenho filho homem”, conta uma mulher.

“Se você tem dois filhos vivos e está decidida a fazer a laqueadura, você está dentro da lei. Não cabe ao médico julgar, interpretar a lei. A lei está aí, você quer, você tem direito, é um direito seu”, explica o doutor Drauzio.

Quem vive em Parelheiros, zona sul de São Paulo, conhece poucos direitos. Muitas ruas não são calçadas, o saneamento é precário, falta quase tudo. Irene de Jesus mora lá, com o marido Reginaldo e seis filhos.

“Somos de Serrinha, perto de Feira de Santana. Casamos lá e estamos aqui em São Paulo tentando ver se melhoram as coisas”, diz Reginaldo.

Chegaram há 12 anos. Tinham dois filhos: Tatiana e William e ela estava grávida da terceira, Carolina. Em São Paulo, nasceram também Rafaela, Sabrina e Maurício.

“Eu queria só ter dois filhos, mesmo”, diz Irene.

Reginaldo é pedreiro. Irene já trabalhou como doméstica, garçonete, manicure, vendedora. Hoje, por causa dos filhos, é dona de casa.

“Para manter todos na escola é muito difícil, é difícil no estudo porque precisa de muita coisa, eu que o diga, porque sou eu quem cuido deles. Negócio de lápis, borracha, caderno. No final do ano são cinco cadernos”, reclama Irene.

“Eu, como pai, como responsabilidade, eu não vou achar que está difícil, nem que está demais porque se eu arrumei uma família eu tenho”, diz Reginaldo.

“Mas quando está parado fica difícil de dar, aí tem que ir pra escola sem nada”, contra-argumenta Irene.

“Tudo na vida acontece, nunca as coisas correm bem direito não”, diz Reginaldo.

“Então evita os filhos”, diz Irene.

Irene fala assim com razão. Reginaldo, como muitos homens, acha que evitar a gravidez é tarefa só da mulher. E se recusa a usar preservativo.

“Eu acho que se um homem tiver sua mulher certa em casa, eu acharia que não precisava”, diz o marido.

“No caso, se ele não gosta, eu tenho que tá me virando”, diz Irene.

Ela tentou tomar pílula. Não deu certo.

“A pílula, quando a gente pega, passa pelo médico pra pegar a receita. Então a gente pega uma caixa. Quando vai pegar outra já não pode mais pegar porque pegou uma, aí tem que passar pelo médico de novo. Então, nesse caso já atrapalha, porque tem que marcar, marca pra quinze dias, um mês e sem remédio e aí não dá. Aí é que começa a atrapalhar”, conta.

“Os outros métodos eu nunca consegui. Estou esperando o DIU, não sei se vai sair”, reclama.

"Nós estamos com um problema com o DIU. Está suspenso por enquanto", diz a assistente social Maria Aparecida.

"Você acha que essa dificuldade de conseguir os métodos anticoncepcionais interfere na vida sexual?"

"Interfere bastante. Interfere porque na hora eu fico muito preocupada, achando que já vou engravidar. Eu fico pensando: já vou engravidar, meu Deus, aí fico pensando nisso e a coisa já não fica boa, fico muito preocupada. Meu sonho é conseguir a laqueadura pra ficar sossegada", diz Irene.

Em busca da laqueadura, Irene foi ao posto de saúde. Lá, descobriu que precisava assistir às palestras de planejamento familiar.

"Eu já fiz quatro vezes o planejamento, duas num bairro diferente, duas agora aqui e nunca consegui nada", diz.

A palestra sobre planejamento dá direito a um certificado. Sem ele, a mulher nem consegue entrar na fila. O problema é que o certificado perde a validade em um ano. Já a fila...

"Nunca vi ninguém que conseguiu assim. Consegui sim, pagando. Eles vão lá, pagam e conseguem, mas pelo governo nunca vi não. Eu mesma já fiz quatro vezes o planejamento familiar, a palestra para ver se consigo fazer a laqueadura, mas nunca consegui", conta.

"Eu vou lembrar: você vai tomar uma anestesia, a partir de hoje à noite você não vai comer mais nada. Vai ser feito um corte acima dos seus pelos pubianos, abaixo do umbigo", explica a assistente social Miriam Caldas.

"Tenho vinte e cinco anos e cinco filhos.", diz Benildes

Em Feira de Santana, perto da cidade natal de Irene e Reginaldo, um programa de planejamento familiar funciona há doze anos no Hospital Geral Clerisson Andrade. Foi a assistente social Miriam Caldas quem implantou o serviço.

"Estamos optando pela ligadura por causa da condição financeira. O dinheiro é curto pra cuidar dos filhos. A gente quer dar coisa melhor e não pode dar, por isso eu resolvi fazer essa ligadura", diz Benildes.

Benildes procurou o posto de saúde pela primeira vez em junho de 2004.

A espera não foi longa. O hospital faz uma média de 12 laqueaduras por mês.

"A anestesia que nós vamos fazer é um bloqueio e se chama raque", diz a médica Kátia Lima.

Em outubro de 2005, ela começou a se preparar. Fez os exames, as entrevistas e, no dia oito de novembro, a laqueadura.

"Em torno de oito a dez dias ela volta para o hospital para gente tirar os pontos externos e pronto, volta a atividade normal", diz a doutora Carmem.

"Eu estou muito feliz, porque eu consegui fazer", conta.

Em São Paulo, maior cidade do país, Irene, com seis filhos, 35 anos, ainda espera. A filha mais velha, de dezesseis, está grávida de seis meses.


"Você queria ter dois filhos. Qual é a sensação que você tem quando percebe que está grávida? O que você sente?", pergunta o doutor Drauzio.

"Muita raiva", diz.

“Cada vez que eu engravidava, sentia um desespero. Às vezes, não tinha dinheiro para comprar o enxoval, quem me dava eram as patroas minha. Ficava muito difícil, não tinha um alimento, meu pai às vezes dava, minha mãe”, conta Benildes.

No próximo programa, o papel dos homens na concepção. Vamos falar de camisinha, vasectomia, filhos e responsabilidade. Não perca.

Você pode obter informações estatísticas sobre maternidade entre 20 a 35 anos, e de outros locais visitados em cada episódio da série pelo link abaixo.

 **Estatísticas sobre maternidade** Obtenha informações estatísticas sobre maternidade entre 20 a 35 anos

Encontre essa reportagem em:

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1075446-5008,00.html>